

A colorful illustration of a woman with long, wavy blonde hair and large black-rimmed glasses. She is smiling and holding a large blue book. The book's cover features the text 'aprender a animar' in a playful, multi-colored font. Below the text on the book cover is a group of diverse, happy children and two dogs. The background is white with colorful wavy lines in shades of green, orange, and purple, and scattered blue dots.

animar

aprender a
animar



Título: Aprender a Animar

Autoria: Animar

Edição: Betweien, Lda.

Textos de: Crianças da EB1 de Deão, Domingos Farinho, Edgar Ruivo,
Luisa Serrano Paton, Marco Domingues e Raquel Tavares

Contributos para o conteúdo: Fábio Rocha

Ilustrações: Ana Gabriela

Paginação: Débora Sousa

Revisão ortográfica: Márcia Ramalho

1.ª Edição, Lisboa, agosto de 2019

Depósito Legal: _____

ISBN: _____

Tiragem: 1000 exemplares

Copyright: Animar e Betweien, Lda.

Reservas de Direitos de Autoria

aprender a animar



í n d

i c e

O QUE É A ANIMAR?.....	06
DESENVOLVIMENTO LOCAL, O QUE SIGNIFICA?.....	08
ENQUADRAMENTO.....	10
NOTA DE ABERTURA.....	12

HISTÓRIAS

Quem quer viajar, para o vilarejo An & Mar?.....	12
Do junco à caroça.....	30
A escola com o maior coração do mundo.....	36
O dia mais especial do ano.....	46
A princesa e o Doce.....	62
Uma história de Animar para um mundo melhor.....	76

o que é a animar

A ANIMAR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local nasceu no século passado. Aliás, no milénio passado! Em 1993! Dito assim, parece que foi há uma eternidade, mas não. A ANIMAR tem, talvez, a idade do teu irmão mais velho ou da tua prima preferida: 26 anos!

É uma associação privada, sem fins lucrativos. Sabes o que é que isto significa? Uma associação é um conjunto de pessoas e de organizações que se juntaram porque têm interesses e necessidades comuns. Certamente que já ouviste a expressão “A União faz a Força!”. É o lema destas Associações, que não têm como objetivo fazer dinheiro, ou como se diz por aí ‘Lucro’, mas sim desenvolver atividades, em conjunto, para que a vida das pessoas e das comunidades seja muito melhor.

Na ANIMAR, trabalha-se em equipa, por todo o país (em Portugal Continental, mas também no arquipélago dos Açores), quer nas aldeias

quer nas cidades! Cerca de 120 organizações e 100 pessoas fazem parte da sua equipa de trabalho. É imensa gente, como podes constatar, mas todos/as fazem muita falta, para que a ANIMAR consiga cumprir os seus objetivos!

“E por que é que a ANIMAR existe?”, perguntas tu. Existe para que a tua vida e a vida de TODA a população portuguesa melhorem. É por esse motivo que a equipa de trabalho é tão grande! É necessária muita gente para que o trabalho da ANIMAR chegue a todos e a todas, de forma democrática, equilibrada e justa!

A ANIMAR tem uma missão, tal como a Mulher-Maravilha ou o Super-Homem! A sua missão é VALORIZAR, PROMOVER e REFORÇAR o desenvolvimento local, a cidadania ativa, a igualdade e a coesão social na sociedade portuguesa. A ANIMAR acredita que, se cumprir a sua missão, a sociedade portuguesa será mais justa, equitativa, solidária e sustentável, por isso, quer ser uma organização de referência na promoção do desenvolvimento integrado dos territórios.

“Desenvolvimento Local? Cidadania Ativa? Coesão Social?” Não te preocupes! Quando finalizares a leitura das histórias deste livro, com a ajuda dos/as teus/tuas professores/as e encarregados/as de educação, todos estes conceitos serão mais fáceis de compreender!

enquadramento



É difícil compreender, mas importante saber! Pede ajuda ao/à teu/tua, professor/a ou encarregado/a de educação para esclareceres esta informação!

Este livro faz parte de um projeto chamado “ANIMAR - Capacitar para Agir em Rede II”, que iniciou em 2017 e terminará 2020.

O projeto é financiado pelo Programa Operacional Inclusão Social e Emprego – PO ISE – Tipologia de Operação 3.36 – Capacitação institucional das organizações da economia social membros do Conselho Nacional para a Economia Social.

Este Programa ajuda financeiramente as Associações, e outras organizações, para que a qualidade de vida das pessoas que vivem em Portugal seja cada vez melhor.

O projeto também tem uma missão como os super-heróis e as super-heroínas. É dessa missão que surge a Campanha Agir pelo

Desenvolvimento Local e, mais especificamente, o Roteiro Educação pelo Desenvolvimento Local. Este Roteiro tem como objetivo dar a conhecer o trabalho que as Associações, e outras organizações parecidas, fazem nas comunidades, junto de crianças e jovens como tu. Uma das ações desta Campanha é pensada para crianças do 1.º e 2.º ciclo.

Com este livro vais entender melhor o que é o Desenvolvimento Local e como pequenas e grandes ações e iniciativas são importantes para a tua comunidade e para o país. Explora, também, a Agenda e os Jogos sobre o Desenvolvimento Local, que criamos a pensar em ti, e vê como podes aprender mais, de uma forma divertida e criativa. Acreditamos que, com estes materiais, te tornarás mais consciente e defenderás sempre os valores da solidariedade, da inclusão e da participação.



enquadramento



Prefácio

A ANIMAR tem na sua vida muitas histórias de luta e felicidade. Foram muitas as pessoas que contribuíram com iniciativas coletivas para melhorarem as suas comunidades, criando, assim, um movimento associativo de promoção do desenvolvimento local, onde a cidadania, igualdade, justiça e sustentabilidade foram os seus pilares.

Sabemos que a transformação social se concretiza com ações coerentes entre o que defendemos e o que fazemos, mas também sabemos que as ações se constroem com inspiração. Este é um livro de inspiração para que, juntos/as, sejamos as personagens reais nas nossas comunidades para a sustentabilidade da nossa casa comum... este livro é o motivo por que devemos escutar a voz das crianças, contando-lhes, também, a nossa história!

Marco Domingues,
Presidente Direção ANIMAR, agosto de 2019



animar
Associação Portuguesa para
o Desenvolvimento Local

Prefácio

quem quer viajar, para o vilarejo An & Mar?

AUTORA: RAQUEL TAVARES

SABES O QUE
SÃO DIREITOS
DE AUTOR/A E
POR QUE É TÃO
IMPORTANTE
RESPEITÁ-LOS?

Conhece melhor a autora desta história
e, se não perceberes alguma palavra
do texto, pede ajuda a um/a adulto/a.

Raquel Tavares nasceu em dezembro de 1969. É licenciada em Antropologia Social e tem uma pós-graduação em Psicologia Educacional. Trabalhou na área da intervenção comunitária em contextos carenciados e na educação de adultos, sem perder de vista a pedagogia e a formação dos mais pequenos. O associativismo, a solidariedade e o voluntariado fazem parte do seu quotidiano. Em 2009, surgiu-lhe a ideia de formar uma associação com base nos princípios de uma tendência internacional, mas ainda muito pouco falada na altura. Com um grupo de amigos, deu corpo a essa ideia e é assim que surge a associação Movimento Slow Portugal, da qual é presidente.

A HISTÓRIA
ABORDA OS
SEGUINTE
CONCEITOS:

cidadania ativa
e participativa

desenvolvimento
local

Olá! Estás aí? Sou a Sofia e sou uma contadora de histórias! Vou a caminho da inauguração do parque que ajudei a renovar! Há uns tempos, juntei-me a uma equipa de voluntários/as para darmos uma nova vida ao parque da nossa cidade!

Muitas das pessoas que conheci inspiraram-me e escrevi algumas histórias que te quero contar neste livro! Estás pronto/a? Vamos a isso! A minha primeira história é mais ou menos assim:

Era uma vez dois irmãos, um menino e uma menina, que viviam num lugar distante, onde cuidavam da terra e das pessoas, plantavam, semeavam e colhiam os frutos, ajudavam, partilhavam. Ali, todos/as sabiam como fazer as coisas em conjunto. Claro que havia brigas e zaragatas, mas, quando isso acontecia, toda a gente se juntava numa 'Roda do Falar', onde lembravam as coisas boas e engraçadas que fizeram, e encontravam soluções. Passado bem pouquinho, faziam a mudança e a paz voltava àquele lugar.

Este menino e esta menina eram crianças especiais e normais, tinham fraquezas e dons, mas, também, uns estranhos poderes:

Quando viam algo que não estava bem, desenhavam.

Se aparecia alguém carrancudo ou triste, desenhavam um sorriso e logo essa pessoa sentia o coração sorrir. Ao ver uma casa destruída, desenhavam as brechas, como se fossem plantas trepadeiras, e logo a consertavam.





Só por estarem próximos das pessoas, faziam-nas sentir-se bem e era isso que o/a distinguia.

Porém, um dia, as coisas mudaram:

As pessoas esqueceram-se de como resolviam os problemas na 'Roda do Falar', e as zaragatas começaram a ser cada vez maiores. Muita gente da terra foi embora, as lojinhas começaram a fechar e havia lixo nas ruas, nos jardins e nas florestas; havia incêndios e enchentes, não havia empregos e ninguém se preocupava com as outras pessoas.

Isto fez surgir uma guerra que não poupou nada nem ninguém e muito menos as duas crianças da nossa história. As pessoas que tinham destruído tudo não queriam que as crianças andassem por ali a reconstruir e a consertar os estragos, por isso, perseguiram-nas e elas tiveram que fugir.

Viviam com a esperança de encontrar novamente uma vila onde fossem felizes. Mas não estava fácil...

Finalmente, depois de passarem rios, mares bravos, cascatas, rochedos e grutas, as duas crianças foram parar a uma pequena vila muito bela com uma placa de madeira que dizia: 'Bem-Vindos/as a Vilarejo'.

Aqui sentiram muita luz e paz e abrigaram-se numas ruínas afastadas do centro da vila que, outrora, fora um espaço mágico de encontros, reuniões e festas, onde se tentavam resolver os problemas de todos/as e se celebrava a vida. Aquela casa grande e ao abandono era uma espécie de Templo da Paz rodeado de jardins, florestas e pomares.

Apesar de solitárias, as crianças sentiam-se tranquilas e felizes: desenhavam no chão, trincavam maçãs, brincavam, e assim aproveitavam o dia.

O tempo foi passando, a terra deu uma volta completa ao sol, e a lua escondeu-se e descobriu-se muitas e muitas vezes.





No Vilarejo, começaram a surgir sérios problemas. As pessoas andavam cabisbaixas, sem vontade de fazer nada. Viviam numa correria louca, de um lado para o outro, apenas para comprarem muitas e muitas coisas que enchiam as suas casas, mas esvaziavam os seus corações. Sem tempo para nada, esqueceram-se de como se sentar em roda com calma para falar, resolver problemas, festejar ou simplesmente estar em silêncio, pensar, sentir e ouvir.

O Vilarejo tornara-se briguento e triste. As pessoas já não sabiam funcionar como uma comunidade.

A menina e o menino suspiravam:

- Será que vai começar tudo de novo?

Contudo, as suas boas vibrações naturais fizeram com que o Templo da Paz emanasse sensações fantásticas.

Sem saberem porquê, as pessoas da vila começaram a procurá-lo para pensar, conversar e para se sentirem bem. Faziam piqueniques, andavam de bicicleta, nadavam, não tinham medo das abelhas e dançavam com as borboletas.

Nunca se aperceberam de que ali viviam as duas crianças, mas se chegavam tristes, partiam com um coração carregado de tranquilidade e energia.

Um dia, as crianças são descobertas a apanhar laranjas, sob o luar.

É o pastor poeta da vila quem as vê. Depressa criam uma linda amizade e ele propõe que conheçam toda a gente da vila.

Os/As vilarejanos/as chegam cautelosos/as e percebem, então, que a boa sensação que sentiam ao aproximar-se do Templo vinha do menino e da menina.

Os olhos destas crianças sorriam e os seus corações adivinhavam o que os outros corações sentiam. Eles sentiam a natureza e o seu poder era simples: tinham uma forma serena de aceitar todos/as, sem os/as julgar e de ajudar sem cobrar. Tinham o sorriso doce e o coração aberto e isso era contagiante. Quanto melhor se sentiam, mais a sua energia era fresca e inesgotável.





No entanto, sentiam saudades da sua família, dos/as seus/suas amigos/as, dos montes, das ovelhas, das amoras, das abelhas, do leite quente, do pão com manteiga... e a sua energia começava a desvanecer-se.

As gentes da vila, ao perceberem isto, resolveram ajudar as crianças. Sentiam-se mais vivos/as graças a elas e voltaram a saber ser solidários/as.

Deram-lhes banho no riacho, perfumaram-nas com lavanda, deram-lhes a beber sumo de pêssigo do pomar mais natural e pentearam-lhes os cabelos cheios de nós, o que não foi fácil!

A população fez turnos e o trabalho durou desde a lua nova até à lua cheia!

As lágrimas das crianças secaram e os seus sonhos voltaram a ser bons, estavam felizes. Receberam coisas simples, como cadernos e lápis de cera, e foram esses pequenos gestos que fizeram a mudança.

Contentes, a desenhar e a pintar, começam a visitar o centro da vila que os acolhera. Olhavam para um canteiro maltratado e desenhavam-no cheio de cebolas e alhos, malmequeres e joaninhas.



Mas, agora, já nada acontecia, os desenhos já não eram mágicos e o canteiro não se transformava: Oooohh, mas porque será?

Depressa perceberam que os seus poderes já não eram necessários, pois, os/as vilarejanos/as, mal viam o canteiro maltratado, arranjavam-no pelas próprias mãos e assim o transformavam. Mesmo quando as crianças viam uma cara zangada, eram as pessoas da aldeia que usavam o seu poder de solidariedade e lhe colocavam um sorriso na cara. Era muito bonito de se ver.

Toda a gente andava muito mais animada. A história daquelas crianças lembrou-os quem eram e trouxe-lhes a vontade de agir e ajudar a construir um Vilarejo melhor.

Foram para a sombra da grande árvore, sentaram-se num círculo de união onde todas as pessoas participavam e decidiram que, para resolverem os problemas, consultar-se-iam umas às outras, reuniriam toda a informação e que do diálogo nasceria a melhor solução.

Nas paredes do Templo da Paz, escreveram:

Ouve, Ó cidadão/ã,
Para encontrar a solução,
Reunimos num círculo de união
Todos/as falarão, todos/as ouvirão, todos/as agirão
Cada um/a à sua maneira e em grande colaboração
Contamos com a tua PARTICIPAÇÃO

Quando, por fim, a vila estava calma e em paz, fez-se uma grande festa! Aproveitaram para dar um nome às duas crianças. Foi um miúdo do Vilarejo que, em forma de rap, lhes deu os nomes, a condizer com as suas almas:

- 1 Estou muito agradecido
À amiga e ao amigo que fiz
Trouxeram a sua boa energia
Com lápis de cera e giz.
- 2 Desenharam no papel
E escreveram no chão
Animaram a nossa alma
Animaram o nosso coração
- 3 Quero que esta terra seja
Uma Terra p'ra An & Mar
Esse é o nome deles
E vieram para ficar
Quem quiser ver como são,
A menina An e o menino Mar,
No próprio coração
Têm de procurar.
- 4 Remexam bem no fundo
Pois ele e ela vão lá estar
Aos poucos, mudamos o mundo
Como o VILAREJO AN & MAR



do junco à Caroça



AUTORES: CRIANÇAS DA EBI DE DEÃO

O projeto "Do Junco à Caroça – Redescobrimo Deão" nasceu da necessidade sentida de redimensionar a Oficina de Artesanato já existente na Associação Juvenil de Deão – AJD. Entre os ideais da AJD, conta-se a contribuição para o desenvolvimento local, sendo a Oficina de Artesanato uma das formas de alcançar esse ideal. A Oficina tem como objetivo imediato preservar o património artesanal mais típico de Deão (caroças e capuchos – agasalhos feitos em junco) e levá-lo ao conhecimento dos/as mais jovens, em ordem ao desenvolvimento da sua consciência identitária cultural local. Neste âmbito, os/as jovens aprendem a arte da confeção das caroças com os/as artesãos/ãs mais velhos/as (pessoas da aldeia de idade já muito avançada), aprendizagem esta que tem permitido fomentar e desenvolver relações intergeracionais numa perspectiva dialógica. Acredita-se que o caminho certo para o desenvolvimento sustentado de um meio passa também pela educação, fazendo confluir as suas três dimensões – formal, não formal e informal – através de uma participação ativa e informada dos/as vários/as atores e atrizes de uma comunidade.

**NÃO TE
PREOCUPES!!**

Quando finalizares a leitura das histórias deste livro, com a ajuda dos/as teus/tuas professores/as e encarregados/as de educação, todos estes conceitos serão mais fáceis de compreender!

Preservação
do património
artesanal?

cultura
local?



Gostaste desta história? Foi inspirada na Laura, uma menina que inspirou outras crianças da sua escola a juntarem-se à nossa missão. Eu inspiro-me em qualquer coisa para criar uma história.

Vê lá que, há uns tempos, quando o parque ainda estava com a relva muito amarela e com o lago lamacento, fiquei inspirada! Lembrei-me de um pântano e inventei a história que te vou contar agora:

No tempo em que os animais e as plantas também falavam, algo acontecia num pântano solitário: nas águas enlameadas, para ganhar raízes e nascer, aconchegava-se um junco! Certa altura, cheio de força e vontade de crescer, para ser útil a alguém, brotou.

Uma semana depois, apanharam todo o junco e, com ele, fizeram uma carocha.

Num dia de chuva, um lavrador vestiu uma carocha e foi trabalhar para o campo. Quando a chuva passou e o sol apareceu, o lavrador, com muito calor, despiu-a e pousou-a perto do campo de junco.



O junco que estava cortado no campo reparou na carocha ali parada, mas não se atreveu a falar-lhe. Foi, para sua grande surpresa, a carocha que fez conversa:



- Olá, quem és tu?

- Eu sou o junco. E tu?

- Sou a carocha – respondeu, feliz, por ter encontrado um amigo – Queres vir brincar comigo?

- Não, estou triste.

A carocha estava tão entusiasmada que nem se apercebeu que o seu novo amigo estava triste.

- Porque é que estás triste? – perguntou.

- Porque me cortaram e, agora, já não posso crescer mais – respondeu o junco.

- Não fiques triste, as pessoas cortaram-te para fazer as carochas, como eu.

- E para que servem as carochas?

- Servem para proteger as pessoas da chuva e do frio!

O junco ficou muito contente, porque viu que servia para alguma coisa!

a escola com o maior Coração do mundo

AUTORA: LUÍSA SERRANO PATON

Conhece melhor a autora desta história e, se não perceberes alguma palavra do texto, pede ajuda a um/a adulto/a.

Luisa Maria Serrano, 28 anos, natural de Toledo, Espanha. Chegou a Portugal através da ECOS - Cooperativa de Educação, Cooperação e Desenvolvimento CRL, responsável pela coordenação de um projeto de voluntariado que está a desenvolver. Revela-se uma apaixonada por Animais e pela Educação.

Trabalhou como professora, durante 4 anos e, depois dessa experiência, percebeu a importância da educação na transformação de um mundo melhor. A possibilidade de participar num projeto como este possibilitou-lhe aliar duas grandes paixões e sensibilizar as crianças para os valores do respeito e da responsabilidade para com os animais domésticos.

SABES O QUE SÃO DIREITOS DE AUTOR/A E POR QUE É TÃO IMPORTANTE RESPEITÁ-LOS?

A HISTÓRIA ABORDA OS SEGUINTE CONCEITOS:

solidariedade

amizade

respeito



Toda a gente serve para alguma coisa, basta procurar dentro de si! Somos, como se costuma dizer, “diamantes em bruto”! Com tudo o que vemos e aprendemos, transformamos a nossa forma de ser e de pensar. Começamos a perceber que é bom cuidar dos que nos rodeiam. Foi o que aconteceu com este parque. Algumas pessoas perceberam que era necessário transformá-lo e puseram mãos à obra! Claro que isso me inspirou a escrever uma história sobre solidariedade e respeito! Queres que te conte? É assim:

Era uma vez uma pequena ilha portuguesa, onde apenas viviam os/as pescadores/as e as suas famílias. A escola na ilha era muito pequena, tinha apenas uma diretora, um professor, uma professora e vinte crianças.

Apesar de serem poucos/as, o professor e a professora preparavam atividades muito interessantes e inspiradoras: as crianças viam filmes e documentários, praticavam línguas diferentes, administravam a sua própria biblioteca, faziam obras de arte, passeios à praia e competições de matemática! Também aprendiam como proteger o ambiente, falavam de energia renovável, reciclagem, compostagem e até criaram, com muito esforço, um jardim ecológico que os/as deixava com muito orgulho!





Um dia, no recreio, algo lhes chamou a atenção: um homem, que ninguém conhecia gritava com dois cães que pareciam nervosos e assustados. Amarrou-os a uma cerca próxima e partiu, deixando-os sozinhos.

Os animais começaram a chorar. As crianças mais velhas, ao perceberem o que tinha acontecido, tentaram chamar o homem para que voltasse e levasse os seus animais, mas ele foi-se embora, sem olhar para trás.

Imediatamente, procuraram o professor e a professora, contaram-lhes o que tinha acontecido e pediram-lhes ajuda. O professor, a professora e as crianças estavam muito tristes e preocupados/as com os dois cães.

As crianças ficaram no pátio, enquanto o professor pegou nos dois cachorros e a professora foi chamar a diretora da escola, para encontrar uma solução.

Os dois cães ficaram muito felizes quando viram o professor chegar. Mal entraram no pátio, as crianças aproximaram-se com cuidado para lhes dar o amor que o seu proprietário anterior e irresponsável não lhes dera.

A diretora, assim que soube o que aconteceu e viu como todas as crianças reagiram, ficou muito emocionada. Juntamente com a professora e o professor, elaboraram um grande plano e decidiram convocar uma reunião urgente com as famílias das crianças da escola.

- Queridos/as pais e mães, reunimos com urgência, porque, hoje, as crianças da escola testemunharam algo que nunca deveria acontecer: uma pessoa abandonou, cruelmente, os seus animais. Os animais devem ser cuidados e tratados com respeito. Espero que vocês, pais e crianças, nunca façam algo tão mau quanto aquele homem. Por isso, eu, a professora e o professor temos uma proposta...

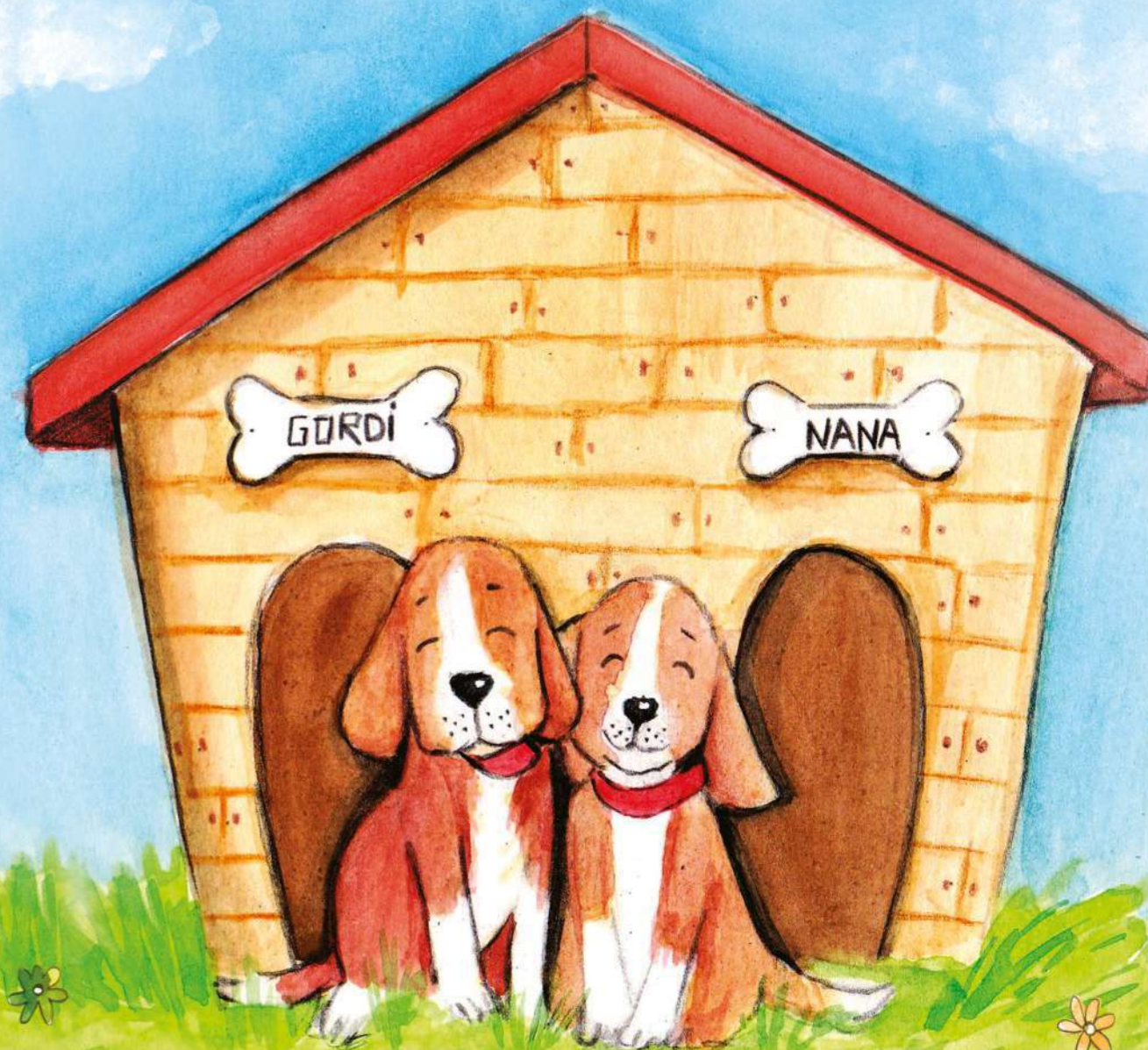
- O que vocês acham se mantivermos os dois cães na escola? – disse a professora – Poderíamos fazer duas casinhas no pátio e levá-los a passear no intervalo e no fim das aulas. Nos dias de tempestade, alguém poderia levá-los para casa (porque os cães têm muito medo de tempestades), mas durante o resto do tempo eles viveriam aqui, com todos e todas nós.



- É o que propomos, mas precisamos que as famílias concordem. Se não, os cães ficarão em minha casa, até que apareça uma família que os ame e cuide deles – acrescentou o professor.

Todas as crianças concordaram e comprometeram-se a cuidar dos cães. Muitos pensavam em brinquedos que podiam trazer para eles, cobertores que já não usavam e no tipo de comida que gostariam mais. Os pais e as mães, movidos/as pela situação, concordaram em tudo e muitos/as ofereceram a sua casa para noites tempestuosas ou para quando fosse necessário.

Foi assim que os cães se passaram a chamar Nana e Gordi, e se tornaram parte de uma escola que, apesar de pequena, tinha o maior coração do mundo.



o dia mais especial do ano



AUTOR: DOMINGOS FARINHO

Domingos Farinho nasceu em 1977, em Lisboa, sendo que se considera meio ribatejano, meio alentejano. É casado e tem três filhos. É professor de Direito e advogado de profissão. Tem escrito diversos livros de direito e de poesia, para além de contribuições em obras coletivas, revistas e fanzines literários e de cinema. Este é o seu segundo conto para os/as mais novos/as, depois de "O Gato Tobias", publicado em 2008 na obra conjunta "50 histórias de quem foi criança".



NÃO TE PREOCUPES!!

Quando finalizares a leitura das histórias deste livro, com a ajuda dos/as teus/tuas professores/as e encarregados/as de educação, todos estes conceitos serão mais fáceis de compreender!



Sinto exatamente isto: por vezes, não é necessário fazer algo gigante! Uma pequena ação, por mais pequena que seja, faz o nosso coração crescer um bocadinho. Um dia, ficará tão cheio que já não será o maior do mundo, mas do universo!

Confesso que, durante o tempo que estivemos a requalificar o parque, o mais bonito, era poder ouvir histórias que os/as meus/minhas colegas de equipa inventavam. A Laura contou-me uma que tinha acontecido com os primos e a prima dela! Acho que era assim:

Era o dia mais especial do ano! Melhor do que qualquer aniversário ou Natal. Era o dia em que chegava a encomenda da avó Rosário.

Todos os anos o Francisco, a Inês e o Miguel recebiam uma encomenda da avó, cheia de coisas da vila, com uma carta a contar as novidades e os planos para as férias de verão.

Este ano, não era diferente e, quando os manos e a mana chegaram a casa, a mãe disse-lhes que a encomenda estava no quarto do Miguel, o irmão mais novo.

- Viva! Viva! – gritaram, enquanto corriam para abrir a encomenda.

As coisas que a avó enviava eram as mesmas todos os anos, mas os manos e a mana ficavam sempre felizes! Havia pão alentejano para comer com queijo e fazer torradas; limões, favas, lúcia-lima, bolos e uns biscoitos chamados popias! Este ano, havia, também, algo novo: livros com lendas alentejanas! Era uma prenda de primavera, que os fazia ansiar pelo verão. A Inês, a mana do meio, abriu a carta da avó e começou a ler a folha escrita à mão:





“Queridos netinhos e querida netinha,

A primavera chegou e lembrei-me que era hora de vos mandar a minha encomenda e dar-vos novidades da vila. Espero que estejam bem. O Francisco já deve estar mais alto que o pai, a Inês feita uma cientista a sério e o Miguel menos pirata! Por aqui, já temos as soagens, as estevas, as papoilas e as saudades-bravas todas floridas, também já há ervas-de-espiga, claro”.

A Inês e o Miguel adoravam os nomes das flores e o facto de a avó saber o nome de todas. Sempre que a ouviam falar de flores, perguntavam-lhe todos os nomes e pediam-lhe que mostrasse todas as flores à volta da vila! Depois, quando os queriam dizer, esqueciam-se e confundiam os nomes todos.

“O avô anda cansado, mas sempre com tempo para a vinha e para as colmeias. Diz que tem coisas novas para vos mostrar! O limoeiro está cheio de limões e mandei-vos alguns para fazerem limonadas. Vão, também, os bolos do costume e um panito para comerem com aquele queijo de cabra que a mãe gosta tanto. Já me esquecia: a torre do relógio vai fechar!

Beijinhos para vocês e até às férias do verão”.

A carta da avó acabava assim, como se tivessem sido acordados de repente: “a torre do relógio vai fechar!” A torre era o lugar mágico da vila, mas, também, um lugar estranho: parecia uma igreja e estava ao lado da igreja da vila, mas não era bem uma igreja. Pelo menos, era o que os manos e a mana pensavam. Lá dentro, funcionava o museu com umas quantas salas em que se mostrava como eram as profissões da vila há muitos anos. Havia uma antiga sala de aulas, a oficina do sapateiro, uma barbearia e uma sala que imitava a loja da vila, onde se vendia de tudo. Era um lugar muito bonito e gostavam de visitá-lo sempre que estavam de férias. Era como uma máquina do tempo. Não podiam acreditar que ia fechar.

Os manos e a mana ficaram tristes e irritados/a, contaram ao pai e à mãe a terrível notícia. Queriam escrever à avó a dizer que não podia ser, que a torre não podia fechar.

- Se estão tão chateados/a, o melhor é ligarem à avó para perceberem melhor o que aconteceu – disse-lhes a mãe.





Assim fizeram:

- Olá Avó, a torre não pode fechar – disse muito rápido o Francisco, com fúria contida na voz. Passou o telefone ao Miguel, que se limitou a repetir o que o irmão tinha dito, duas ou três vezes. Por fim, o telefone chegou à Inês:

- Não há nada que possamos fazer, avó? – disse com uma voz esperançosa.

- Querida, – disse a avó – eu também tenho muita pena, mas falei com a Presidente da Câmara Municipal e ela diz que não há forma de manter a torre aberta, custa muito dinheiro. É preciso alguma ideia que traga movimento à torre e permita manter as portas abertas.

Apesar de continuarem tristes, depois do telefonema com a avó, a Inês tinha um brilho novo nos olhos e segredou ao Francisco:

- Antes de dormir, reunião no meu quarto.

Assim foi. Juntaram-se os manos no quarto da Inês e ela começou:

- Tive uma ideia, ou melhor, a avó deu-me uma ideia... ou melhor, a minha professora falou-me de uma coisa que me deu uma ideia ao ouvir a avó!

- Não estás a fazer sentido nenhum – interrompeu o Francisco – Explica-te.



A Inês recomeçou:

- Vocês ouviram a avó... A torre vai fechar porque não há ideias nenhuma de como conseguir manter o museu aberto, mas a torre não tem de ser só um museu! Podiam fazer-se lá outras coisas. Só precisamos de ideias!

- Mas tu tens alguma ideia? Eu não tenho nenhuma. A torre vai fechar – disse o Francisco, desanimado.

- Ora, eu sou pequena, não é fácil ter ideias para salvar a torre, mas a professora Teresa, há umas semanas, falou-nos de uma coisa chamada “Concurso de Ideias”. Podíamos organizar um para salvar a torre!” – exclamou a Inês com um grande sorriso.

O Miguel começou aos pulos:

- Viva! Viva! Ideias!

- Podemos preparar tudo na internet e assim, quem quiser participar, pode fazê-lo a partir de qualquer lugar.

- Sim - disse a Inês – vamos pedir ao pai e à mãe para irmos à vila no próximo fim de semana e, de porta em porta, vamos falar do concurso e pedir para divulgarem.

- Oh! Como faremos isso? – lamentou-se o Francisco - na vila quase ninguém tem internet.

- Podíamos levar os tablets do pai e da mãe – disse o Miguel.

O Francisco e a Inês concordaram que era uma excelente ideia! Iriam, de porta em porta, com os tablets ligados à internet para que as pessoas da vila pudessem partilhar logo a sua ideia. Se bem o pensaram, melhor o fizeram. O pai e a mãe, ao verem a dedicação das crianças, combinaram com o avô e a avó visitarem a vila, no fim de semana seguinte.

Era uma terça-feira e, até à partida para a vila, haveria muito para fazer. A Inês criou um sítio na internet chamado “Concurso de Ideias para a Torre da Vila”; o Francisco escreveu os textos a explicar o que era a torre do relógio e um pouco da história da vila; e o Miguel fez os desenhos para ilustrar os trabalhos. Quando sexta-feira chegou, já havia um sítio na Internet que apresentava o concurso de ideias e permitia a qualquer pessoa expor, de forma simples, uma ideia para salvar a torre.

No entanto, faltavam duas coisas difíceis: levar as pessoas a participar e convencer a Presidente da Câmara Municipal a aceitar a ideia vencedora. Por isso, a primeira coisa que fizeram quando chegaram à vila foi dividirem-se. O Francisco e o Miguel foram, de porta em porta, apresentar o concurso de ideias e muita gente participou. A Inês, o pai e a mãe foram reunir com a Presidente da Câmara e foi fácil convencê-la.

Agora só tinham de esperar e torcer muito pelo sucesso. Tinham decidido que o concurso ficaria aberto durante um mês e, então, a Câmara Municipal decidiria se havia uma ideia vencedora.

No início de maio, a mãe chamou os filhos Francisco e Miguel e a filha Inês, para lhes ler uma carta da avó:

“Queridos netinhos e querida netinha,

Estive ontem com a Presidente da Câmara que me disse que há uma ideia vencedora. Lembrem-se daquela sala do museu da torre que imita uma loja antiga, daquelas que vendem de tudo? Pois é, alguém sugeriu que essa loja estivesse mesmo aberta ao público como loja de produtos da região. Assim, quem vier à torre pode ver o museu e comprar os nossos produtos na loja.



Eu disse logo que ajudaria com os meus bolos e biscoitos e o avô vai pôr à venda o mel dele. Acho que foi uma ótima ideia e já muitos dos/das habitantes da vila prometeram ajudar com os seus produtos típicos: queijos, chouriços, fruta, roupa e até sapatos! A Presidente da Câmara está tão contente que vos quer convidar para estarem presentes na abertura da loja, no dia 1 de junho, para aproveitar as visitas das pessoas que começam a vir até à nossa vila. Parece que vos vou ver antes do verão! Muito obrigada por esta ideia das ideias!

Beijinhos, avó Rosário”.

Os irmãos e a irmã começaram aos gritos pela casa, loucos/a de felicidade. Foi difícil conseguir sentá-los/a para o jantar e mal conseguiram parar de falar sobre tudo o que tinha acontecido, desde que a torre ia fechar, até às ótimas notícias daquele dia. No meio de tudo isto, o Miguel exclamou:

- O dia da abertura da nova loja da torre vai ser o dia mais especial do ano!

Todos começaram a rir.



a princesa e o doce

AUTOR: EDGAR RUIVO

SABES O QUE SÃO DIREITOS DE AUTOR/A E POR QUE É TÃO IMPORTANTE RESPEITÁ-LOS?

Conhece melhor o autor desta história e, se não perceberes alguma palavra do texto, pede ajuda a um/a adulto/a.

Natural de Alhandra, licenciou-se em Animação Sociocultural e Educação Comunitária, na Escola Superior de Educação de Santarém. Iniciou atividade profissional na Fundação Inatel e, desde então, passou pelo Gabinete de Apoio ao Movimento Associativo e pela Divisão de Desenvolvimento Social, na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

Atualmente, integra a Divisão de Inclusão e Igualdade, estando ligado a diversos projetos promotores da inclusão e igualdade de género, nomeadamente, o Balcão da Inclusão do Concelho de Vila Franca de Xira.

No âmbito associativo, há 10 anos que exerce o cargo de dirigente na Sociedade Euterpe Alhandrense. Enquanto indivíduo, considera-se um agente social consciente da realidade, porém inconformado com a mesma e desperto para a promoção da mudança positiva, com vista a uma sociedade mais justa e inclusiva.

A HISTÓRIA ABORDA OS SEGUINTE CONCEITOS:

Sociedade equitativa

aceitação da diferença

inclusão



Também a mim me deu vontade de rir, quando terminou a história. No entanto, nem tudo foi doce enquanto arranjávamos o parque. Houve um momento que me deixou um bocadinho incomodada: alguns meninos e algumas meninas que estavam encarregues de arrancar as ervas daninhas começaram a rir-se de outro, apenas porque ele tinha o cabelo cor-de-laranja e disseram que ele não podia fazer parte do grupo deles/as, porque era diferente. Mal ouvi isto, aproximei-me deles/as e inventei uma história no momento:

Há muitos anos, pessoas e criaturas fantásticas habitavam o reino Ruralis em harmonia. Todos e todas se ajudavam e viviam em paz. O povo de Ruralis vivia da agricultura e era conhecido pelos seus produtos de qualidade, que eram vendidos aos reinos vizinhos.

Um dia, furioso, o rei declarou as criaturas como inimigas do reino e, com a ajuda de uma feiticeira, expulsou-as para a floresta Enchantis, impedindo-as de voltar, a não ser que fossem convidadas por alguém da família real.

Muitos anos passaram e várias gerações reinaram, sem nunca mais se ouvir falar das criaturas. A filha do atual rei era uma princesa bela e destemida, amada por todas as pessoas do reino. Adorava cavalgar pelas suas terras, cumprimentar e ajudar todas as pessoas sempre que necessário. A princesa conhecia muito bem todos os lugares do reino, exceto a floresta. Disseram-lhe que aquele era um lugar onde viviam pequenas criaturas malvadas, que queriam destruir o reino.



Quando passava perto da floresta Enchantis, imaginava como seriam as criaturas que lá viviam e, apesar da vontade de conhecer aquele lugar, nunca se atreveria a fazê-lo, pois era proibido.

Ultimamente, os seus passeios estavam a tornar-se mais longos, pois havia chegado a altura de se casar e o seu pai andava de reino em reino a combinar o melhor casamento possível para ela. No entanto, a princesa tinha um segredo e a ideia de um casamento arranjado deixava-a muito triste e desesperada. Certo dia, o rei entrou animado no quarto da princesa e disse:

- Minha filha, já encontrei o marido certo para ti. Ele é o príncipe do Reino de Urbes, a sua família é muito rica e esta será uma união muito proveitosa para ambas as famílias.

- Mas, meu pai, eu não conheço esse tal príncipe... Já lhe disse que não pretendo casar sem estar apaixonada e serei eu a escolher a... o amor da minha vida...



- És minha filha e eu sei o que é melhor para ti! Casarás com o príncipe de Urbes, já dei a minha palavra e está decidido! – disse o rei furioso.

A princesa, zangada com o seu pai, saiu do castelo a chorar e, montada no seu cavalo, fugiu para longe dali. Dirigiu-se à floresta Enchantis e atreveu-se a entrar.



Era incrível! Via árvores gigantes, flores coloridas e animais que nunca tinha visto. Era uma floresta maravilhosa!

De repente, ouve um barulho.

- Quem está aí? – pergunta.

Por detrás de um arbusto, uma criatura, que estava a apanhar bagas, aparece e responde:

- Olá, eu sou o Doce! Estás perdida? As pessoas não costumam entrar na floresta.

- Olá, chamo-me Olfi – disse, espantada com o que via – Tu és tão diferente...

O Doce era uma criatura com o tronco pequeno e as pernas e braços longos. Estava completamente coberto com pelo colorido e a sorrir, o que lhe dava um ar meigo e cativante.

- Eu não me perdi, entrei na floresta porque quis!

Contou-lhe a discussão que tinha tido com o seu pai, que era a princesa do reino e o quanto achava injusto aquele casamento.

O Doce escutava-a atentamente e sorria-lhe, sem a julgar ou criticar. A princesa e o Doce falaram, falaram e riram durante muito tempo. A confiança foi crescendo e estava tão confortável com o seu novo amigo que decidiu revelar-lhe o seu segredo...

O Doce abraçou-a e disse-lhe, a sorrir:

- De hoje em diante, tens aqui um amigo e eu vou estar sempre ao teu lado!

A princesa ficou encantada com todo o carinho e amizade que cresceu entre ela e o Doce, em tão pouco tempo.

- Há uma coisa que não percebo: por que é que vocês vivem aqui na floresta e não podem ir a Ruralis?

O Doce não respondeu. Pegou na sua mão e levou-a por entre a floresta até chegar a uma clareira, onde viviam todas as criaturas.

Ficou maravilhada, eram tão diferentes umas das outras: umas altas, outras baixas, com cores, formas e texturas distintas. Apenas os olhos enormes e o sorriso simpático no rosto eram comuns.

O ancião, a criatura com mais idade, 130 anos, contou à princesa porque tinham sido expulsos de Ruralis:

- Sabe, princesa, há muito muito tempo, nós habitávamos conjuntamente com o seu povo, o reino de Ruralis. Nessa altura, uma criatura e a filha mais nova do rei apaixonaram-se e queriam casar. Quando o rei soube, proibiu a relação, porque, no seu entender, pessoas e criaturas não se podiam apaixonar. Mas o amor que sentiam era tão forte e puro que fugiram e nunca mais se soube deles. O rei, de coração partido, culpou-nos por ter perdido a filha mais nova e expulsou-nos de Ruralis.

- E o que aconteceu ao casal apaixonado? – perguntou a princesa, curiosa.

- Ninguém sabe.



- Então, foi por serem diferentes... que injustiça! – disse a princesa – Mas tenho um plano: amanhã virei até à floresta com o rei e, quando aqui chegar, estarão todos e todas presentes para vos apresentar.

Concordaram.

A princesa, quando chegou ao castelo, disse ao seu pai que gostaria de dar um passeio a cavalo, para conversarem melhor sobre o casamento. O rei aceitou.



No dia seguinte, cavalgaram, até que se aproximaram da floresta Enchantis. O rei pretendia voltar para o castelo, mas a princesa começou a galopar para o interior da floresta.

O rei, com receio de que algo de mal acontecesse à sua filha, superou o medo de entrar na floresta. Após cavalgar um pouco, encontrou a filha no meio de todas as criaturas.

Confuso, não sabia o que fazer. Ao ver o nervosismo do rei, o Doce, muito simpático, saudou-o e convidou-o a descer do cavalo para conhecer o local onde habitavam. O ancião contou a história do passado e o motivo pelo qual tinham sido expulsas. Sensibilizou o rei para o facto de serem diferentes, mas merecedoras dos mesmos direitos.

O rei que, apesar de conservador, tinha um grande sentido de justiça, pediu desculpa pelo que o seu antepassado tinha feito e convidou-as para voltarem a viver no reino.

No caminho de regresso, o Doce incentivou a princesa a contar o segredo ao seu pai. Após perceber que o pai era um rei justo, como tinha dado a entender, a princesa ganhou coragem e contou-lhe que não gostava de rapazes, mas de raparigas.



O Doce disse ao rei que deveria aceitar todas e quaisquer diferenças, e que este poderia ser um dos seus maiores legados, um reino inclusivo. Mas, o mais importante, era que a sua filha fosse feliz. No entanto, o rei, manteve-se em silêncio, até ao fim da viagem.

No dia seguinte, e após muito pensar sobre as palavras do Doce, o rei decretou:

- A partir de hoje, não é permitido discriminar e maltratar com base na diferença, pois todas as pessoas que habitam o reino devem ser respeitadas de igual forma! Afinal, todos e todas são importantes e parte do reino! Por isso, todas as criaturas são bem-vindas a Ruralis!

Todas as pessoas aplaudiram!

A partir daí, aquele reino distante tornou-se num reino inclusivo e mais justo, onde todos e todas viveram felizes.

A princesa e o Doce mantiveram a sua grande amizade e, em conjunto, partiram para outros reinos, para espalhar esta mensagem de inclusão e igualdade



Uma história de animar para um mundo melhor

AUTOR: MARCO DOMÍNGUES



Marco Domingues nasceu em Lisboa, no ano de 1977, mudando-se, em 2005, para o concelho de Castelo Branco, onde fundou a Associação EcoGerminar. É assistente social e docente do ensino superior, ativista pelo desenvolvimento local e pela sustentabilidade da nossa casa comum. Pai da Maria e do Afonso, amigo de todas e todos e um fã da voz e sabedoria das crianças.



NÃO TE PRECUPES!!

Quando finalizares a leitura das histórias deste livro, com a ajuda dos/as teus/tuas professores/as e encarregados/as de educação, todos estes conceitos serão mais fáceis de compreender!



O meu contributo para dar uma nova vida ao parque não foi nada que me custasse, porque o fizemos em equipa! Uns/ Umav davam ideias para fazer isto, outros/as para fazer aquilo e todos/as, aos pouquinhos, tornámos o parque um sítio bonito de novo! Não pensem que só pessoas adultas faziam parte desta equipa, não! Também havia crianças, prontas a ajudar, com boas ideias! Ver a força de vontade de miúdos/as e graúdos/as inspirou-me a inventar mais uma história:

Vou-te contar a breve história da Animar, uma criança que procurava o bem-estar de todos os seres vivos e do planeta, a que chamava “a nossa casa comum”. A Animar considerava-se uma eterna aprendiz entre os/as aprendizes, a sua identidade era a sua comunidade, preocupava-se com as pessoas e as suas tradições, com a natureza e com a forma como o seu local se desenvolvia.

A Animar cresceu e, no seu local, foram criadas associações para preservar as suas tradições e pensarem em soluções para os seus problemas e desafios.

As assembleias eram um espaço de partilha de preocupações e sentimentos, onde aprendiam entre si, como iguais, e valorizavam a diversidade como uma riqueza imaterial.

Um dia, começou a chover tanto que toda a comunidade onde a Animar vivia ficou rodeada de água e impedida de sair do seu local.



As pessoas reuniram-se, mais uma vez, para encontrar uma solução. Toda a comunidade se juntou e, graças à cooperação e partilha “no fazer e do saber”, fez-se uma enorme ponte!

A Animar sabia que mais problemas iriam aparecer e seriam verdadeiros desafios! Por isso, resolveu atravessar a ponte e procurar outras comunidades com soluções e problemas semelhantes aos seus.



Acreditava que iria aprender com elas e, quem sabe, encontrar soluções que poderiam gerar mudanças na “nossa casa comum”.

Na sua viagem, encontrou uma pessoa a pescar e perguntou:

- Porque está a pescar com uma cana?

- Ensinaram-me a construir a cana e a pescar – disse-lhe o pescador – assim, posso alimentar-me e não depender de ninguém. Sei que posso pescar os peixes maiores, depois de terem os seus filhos e as suas filhas, para que os peixes sempre existam e possam continuar a viver livremente.

A Animar gostou tanto do que ouviu que decidiu ir conhecer as pessoas que ensinaram o pescador a fazer a cana e a pescar. Viu canas de todo o tipo e feitio, mas as pessoas pescavam sozinhas, pareciam tristes, e isso era um problema para a Animar.

Sugeriu que talvez fosse melhor partilharem, em assembleia, as suas boas experiências e os seus problemas com a pesca. Algumas pessoas diziam que era aborrecido pescar sozinhas, outras que nem sempre conseguiam pescar e que, nesse dia, a sua família não tinha o que comer. Em assembleia, a Animar teve uma ideia:

- Porque não se cruzam as várias linhas das canas e se faz uma Rede onde todos/as podem ajudar a pescar? Uma rede com buracos grandes para que os peixes pequenos possam fugir e crescerem livremente.

- Que boa ideia! – disse um dos pescadores – Assim os peixes serão de todos, podemos pescar apenas o necessário e ninguém ficará com fome por não conseguir pescar!



Com a ajuda e solidariedade das pessoas, encontraram uma solução: deixarem de pescar sozinhas e passarem a ser solidárias umas com as outras, pescando com uma rede.



- Este é apenas o exemplo do que podemos fazer em rede! – pensou a Animar – Se eu juntar mais gente como eu, numa grande associação, posso fazer uma Rede de pessoas que aprendem e contribuem para que todos e todas tenham as mesmas oportunidades, independentemente de viverem nas aldeias ou nas cidades, de serem homens ou mulheres...

Assim nasceu a incrível Rede Animar.

A Animar é, agora, uma Rede com magia, que escuta, aprende, mobiliza muitas pessoas e constrói pontes e novos caminhos para aquilo a que chama de desenvolvimento local.



A Animar acredita que todas as pessoas têm o direito de serem felizes e que a humildade e a simplicidade podem contribuir para um desenvolvimento mais justo e igual para todos os seres vivos.

Por ser uma Rede, une imensas pessoas em fóruns e assembleias, mobiliza muitas organizações de vários tipos, com várias causas, mas com um interesse comum. Pessoas e organizações que reivindicam os seus interesses junto do que chamamos “poder”. Estes momentos são chamados pela Animar de “cidadania ativa e participativa”.

É assim que a Animar desafia a realidade, ao entusiasmar as pessoas a inspirar líderes eleitos a decidirem melhor.

Hoje, a Animar já não é uma criança, é uma Rede de histórias para contar, com muitas associações, cidadãos e cidadãs que não são indiferentes aos problemas das pessoas e da natureza e, por isso, contribuem para um mundo melhor.



desenvolvimento local, o que significa?

1 União entre as pessoas e as organizações de uma aldeia, vila ou cidade;



2 Escutar as necessidades da população;



3 Encontrar soluções em conjunto para resolver problemas;



4 Criar coisas novas ou melhorar as que já existem na comunidade;



5 Preservar as tradições locais;



6 Cuidar do meio ambiente.



**E TANTAS OUTRAS COISAS QUE VAIS
DESCOBRIR E VIVER!**

Termino assim este livro, pois,
hoje, não tenho mais tempo
para te contar outras histórias!

Mas também tu podes olhar à volta
e pensar no que podes fazer para,
aos pouquinhos, mudar o mundo!

Quem sabe, isso não te dá
inspiração para, tal como
eu, criares as tuas histórias!

Oh! Já estou atrasada para
a inauguração do parque!
Adeus!



A Sofia é a narradora destas seis histórias infantojuvenis, que te ajudarão a perceber o que é o Desenvolvimento Local. Mas, afinal, o que é? Com as aventuras, por exemplo, da Laura, do Miguel, do Francisco e da Inês ficarás a saber que, quando as pessoas e as organizações, da aldeia, da vila ou da cidade onde vivemos se entreadjudam e tentam resolver alguma coisa que não funciona bem ou que poderia funcionar melhor, estão a contribuir para que o sítio onde moramos com a nossa família, com os nossos amigos e as nossas amigas e, também, com os nossos animais de estimação, seja um bom sítio para viver. As histórias contam, ainda, que é muito importante cuidarmos do Ambiente, preservarmos as tradições da nossa localidade e que, apesar da diferença que existe entre as pessoas, todas elas devem e merecem ser respeitadas.

Com este livro, a ANIMAR - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local - pretende difundir, de uma forma lúdica, mas também pedagógica, princípios associados ao Desenvolvimento Local, junto de crianças e de interlocutores privilegiados na área da educação.

 animar

betweien^{sun}
edições

Cofinanciado por:



[código de barras]